

MEMÓRIAS TRANSMASCULINAS: Das reflexões nacionais ao movimento de homens trans carioca.

Leonardo Morjan Britto Peçanha
Doutorando em Saúde Coletiva (IFF/FIOCRUZ)
Email: contato@leonardombpecanha.pro.br

Benjamim de Almeida Neves
Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO UFMT)
Email: benjamimbragal@gmail.com

**Simpósio Temático 22: Identidades e (Não)Representatividades de
Lgbtqi+ na Literatura, no Cinema, na Música e na Televisão do Brasil**

Resumo

O ensaio tem objetivo de contar a história da trajetória carioca do movimento social político transmasculino. O estado do Rio de Janeiro é um dos polos de ativistas homens trans e transmasculinos de destaque, onde aconteceu articulações políticas e disputas importantes sobre o acesso ao processo transexualizador no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e suas demandas em saúde. Grupos trans e transmasculinos foram formados, assim como a visibilidade de ativistas homens trans e transmasculinos articulando e fazendo incidência política no contexto de cidadania e direitos civis de pessoas trans. A participação da caravana carioca que levou homens trans e transmasculinos para o I Encontro Nacional de Homens Trans (I ENAHT), em 2015 em São Paulo, teve participação de destaque. Contar a história é uma maneira de resgatar a memória e fazer o diálogo entre as gerações. Num contexto em que a identidade transmasculina passa por invisibilizações, contar a história se torna político. Para isso como referencial teórico usamos como base os estudos trans dialogando com autores pesquisadores e sujeitos políticos que participaram dessa trajetória. A metodologia utilizada é revisão bibliográfica dos estudos trans no que diz respeito as transmasculinidades, contextualizando com a história do movimento transmasculino no Rio de Janeiro, linkando com o movimento nacional de homens trans. Finalizamos trazendo algumas referências políticas do movimento social transmasculino no RJ.

Palavras-Chave: Transmasculinidades. História. Memória. Ativismo. Rio de Janeiro.

Abstract

The essay aims to tell the story of the trajectory of the trans-male political social movement in Rio de Janeiro. The state of Rio de Janeiro is one of the most prominent centers of trans and trans-male activists, where political articulations and important disputes took place about access to the transsexualizing process at Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) and its health demands. Trans and trans-male groups were formed, as well as the visibility of trans and trans-male activists articulating and making political impact in the context of citizenship and civil rights of trans people. The participation of the Carioca caravan that took trans and trans-male men to the 1st National Meeting of Trans Men (I ENAHT), in 2015 in São Paulo, was highlighted. Telling the story is a way of recovering memory and creating a dialogue between generations. In a context in which transmasculine identity goes through invisibility, telling the story becomes political. For this, as a theoretical framework, we used trans studies as a basis, dialoguing with researchers and political subjects who participated in this trajectory. The methodology used is a bibliographic review of trans studies regarding transmasculinities, contextualizing the history of the transmasculine movement in Rio de Janeiro, linking with the national movement of trans men. We end by bringing some political references from the transmale social movement in RJ.

Keywords: Transmasculinities. History. Memory. Activism. Rio de Janeiro.

1.0 Sobre as masculinidades

Na nossa sociedade ocidental, o modelo de masculinidade mais valorizado é aquele que está associado à autoridade e ao poder, e que há longo prazo, garante o privilégio e a falsa segurança dos homens. A existência de uma masculinidade hegemônica é uma das razões para a crença popular de que apenas essa é possível. Pouco se discute em nosso país sobre a masculinidade feminina, por exemplo. Afinal, onde já se viu uma masculinidade ser produzida fora desse contexto? Diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social, pois as relações se dão entre homens e homens, mulheres e homens, e ainda, existem diversas outras masculinidades agrupadas ao redor da hegemônica, daí se falar em masculinidades, no plural. (HALBERSTAM, 1998)

Várias questões acerca da transexualidade vêm sendo levantadas, especialmente, na última década. Existem poucos estudos sobre as experiências e o que se compreende

entre os espaços divididos entre lésbicas masculinizadas (butches ou "caminhoneiras"), mulheres masculinas, homens trans, pessoas transmasculinas e a definição de gênero ou expressão de gênero para cada um desses indivíduos.

A masculinidade feminina muitas vezes está ligada à homossexualidade feminina. Todavia, é importante pontuar que nem toda lésbica é masculinizada e que nem toda mulher masculinizada é por sua vez, lésbica. Existem várias atletas olímpicas, por exemplo, que possuem uma estética corporal e/ou um "comportamento masculino", mas que têm como orientação sexual a bissexualidade ou a heterossexualidade. Embora algumas poucas mulheres masculinas tenham conseguido aparecer na grande mídia e/ou serem identificadas como personalidades de sucesso, ainda não há uma aceitabilidade ou reconhecimento dessas masculinidades.

Nos últimos quarenta anos, as descrições médicas acerca da transexualidade parecem ainda estar mais preocupadas com o discurso do "nasceu no corpo errado" e em descrever a construção social dos corpos trans como um "erro da natureza", deixando de lado outras questões, não menos importantes obviamente, como as que tangem a identidade de gênero e o sexo biológico.

Devido a um maior avanço em algumas técnicas específicas envolvendo procedimentos cirúrgicos realizados em homens trans, a visibilidade dos transexuais masculinos a partir dos anos 90, parece ter complicado as discussões acerca da transexualidade, uma vez que expôs aos olhos da sociedade elementos que, até então, viviam à sombra da dicotomia na categorização de gênero.

No livro intitulado *Female Masculinity*, Jack Halberstam (1998) dedica um capítulo inteiro para discutir a suposta fronteira de guerra entre butches (caminhoneiras) e homens trans, e questiona:

Se algumas pessoas, nascidas com o sexo feminino, agora demonstram um claro desejo de tornarem-se homens, qual é o efeito dessas transições sobre a masculinidade do homem do sexo masculino e na categoria da butch? Qual será o efeito de uma população transexual visível perante jovens que se identificam como aqueles que "brincam de cruzar fronteiras"? De que maneira, ao remover-se o estigma que recai sobre a categoria, mais *tomboys* anunciarão suas aspirações transexuais?
(Halberstam, 1998, p.142) (tradução: Benjamin Neves)

Existe no autor uma preocupação acerca de uma maior visibilidade dos homens

trans e as consequências dos efeitos dessa visibilidade sobre diversas outras categorias, como a das caminhoneiras, por exemplo. À medida que a tecnologia médica se torna mais acessível e, conseqüentemente, a possibilidade de transicionar também, ele questiona que outras mulheres poderiam querer fazê-la. Ainda segundo Halberstam, não se pode descartar também os efeitos da visibilidade dos homens trans sobre a masculinidade dos homens cisgêneros.

Para Halberstam (1998), a transição de gênero de feminino para masculino permite que pessoas registradas como do sexo feminino ao nascer tenham acesso, dentre outras possibilidades, a privilégios como salários mais altos e colocações profissionais de maior prestígio. Em se tratando de hierarquias de gênero, não se pode descartar a ideia de que a transição possa ser uma solução à mobilidade social para algumas dessas “mulheres”.

Ao mesmo tempo, é preciso cuidado ao mencionarmos esta hipótese, pois em se tratando de um assunto tão delicado quanto à transexualidade, precisamos levar em consideração os sentimentos e as angústias dessas pessoas. É preciso compreender que para muitos transexuais, a decisão pela cirurgia não só os transforma ou lhes dá acesso a outras oportunidades, mas também, na maioria das vezes, lhes traz de volta, a vontade de viver.

Halberstam tenta ser cauteloso ao fazer essas observações exatamente por saber o quão doloroso e árduo esse processo pode ser, mas ao mesmo tempo, seu questionamento não é de todo imprudente. Infelizmente, as consequências sociais e políticas envolvendo cirurgias de redesignação ou adequação de gênero em homens trans não podem ser totalmente ignoradas.

Nem todos os transgêneros que experimentam a "disforia de gênero", um sentimento de tristeza ou de rejeição ao corpo que se possui, lida com ela da mesma forma. Nem todas as pessoas trans tomam hormônios e nem todas aquelas que tomam hormônios podem ser consideradas transgêneros. Algumas pessoas se identificam como homens e "passam" perfeitamente, ou seja, são lidos socialmente – termo mais adequado -, pelos *não trans*, como homens, sem utilizarem recursos de modificações corporais mais específicos, por exemplo. Paralelamente, podemos mencionar também as lésbicas "caminhoneiras".

Lésbicas "caminhoneiras" são mulheres masculinizadas facilmente confundidas com homens por conta da aparência física e da vestimenta, mas que podem se identificar única e exclusivamente como mulheres. Logo, pode não haver esforço ou vontade por parte dessas em se "passarem" por homens, conseqüentemente, não existiria o sentimento de frustração por não serem bem-sucedidas nesse processo.

Em alguns países, existe uma forte tensão entre algumas lésbicas feministas e homens trans. Essas mulheres acusam os homens trans de terem sucumbido à heteronormatividade e aos papéis de gênero, ao invés de continuarem lutando ao lado delas, para combatê-los. Alguns homens trans, por sua vez, acusam essas mesmas mulheres de serem transfóbicas e ainda, apontam que muitas delas têm o mesmo desejo, mas que por medo, não transicionam.

2.0 Transfobias transmasculinas

Mais recentemente, algumas lésbicas feministas manifestaram-se em oposição aos homens trans por considerá-los traidores e como "mulheres" que literalmente tornaram-se "o inimigo". Homens trans são comumente afastados de suas antigas comunidades e "apagados" da história lésbica feminista. Algumas feministas mais fervorosas os acusam ainda, de sofrerem de "falta de acesso a um discurso lésbico liberal" e simplesmente os punem por total falta de senso de irmandade (HALBERSTAM, 1998).

Jeffreys (2002) aponta que por volta da década de 70, quando as lésbicas feministas tomaram conhecimento acerca da transexualidade, notaram que a maior parte das cirurgias de redesignação sexual eram realizadas em homens. Naquela época, quatro vezes mais homens que mulheres recorriam à cirurgia. A transexualidade foi analisada como uma forma de controle social no sentido que "gentilmente oferecia" ao indivíduo "diferente" a alternativa de se readequar ao padrão binário e ter uma vida saudável. Até então, essas poucas cirurgias não causavam nenhum tipo de abalo na comunidade lésbica.

No final da década de 80 e início de 90, a configuração se transformou e muitas "lésbicas" fizeram a cirurgia de redesignação de sexo. Esse número vem aumentando e rapidamente. Na opinião de Jeffreys (2002), os homens trans estão destruindo o lesbianismo, pois ao optarem por fazer a transição, escapam da opressão social da qual ainda vivem milhares de mulheres e lésbicas no mundo e deixam de contribuir para a existência de uma sociedade livre de estereótipos de gênero e de privilégios pré-

concebidos. Qual a razão para tanto sofrimento, gastos e mutilações para uma transição que atende somente ao indivíduo? Não seria mais fácil lutar por uma mudança nas relações de poder e da hegemonia masculina em nossa sociedade?

Um tanto quanto intrigante, é saber que muitos homens trans, em algum momento ou em boa parte de suas vidas, "saem do armário" e vivem como lésbicas antes mesmo de se "assumirem" como homens trans. Todavia, é válido mencionar, que muitos outros não o fazem. Por essa razão, é que não se pode afirmar exatamente o que distingue as lésbicas dos homens trans. Muitos transgêneros, possivelmente em algum momento, também se identificaram como *butches* em uma comunidade lésbica, mas desejam ou gostariam de poder manter os laços com a mesma.

O que Benjamin (1953), Jeffreys (2002) e diversos outros – *mutiladores de gênero*¹ - autores, cientistas, médicos, professores e outros personagens presentes nas mais diversas instituições controladoras e vigilantes não previam, era que o comportamento sexual e a capacidade de subverter os discursos médicos reguladores, fosse ainda permanecer forte, presente e inalterável nas produções das subjetividades de diversos indivíduos transmasculinos.

Não há diagnóstico ou testes suficientes que caibam ou modelem os nossos desejos. Fora do ambiente médico-regulador, esses indivíduos podem usar e abusar de diferentes papéis de gênero. Ainda que o “corpo vestido” nos informe um papel específico e uma performance sexual heterossexual compatível, esses sujeitos vão ou podem experimentar ao longo de suas existências, diversas outras performances. O que se vê, não necessariamente é o que se quer mostrar.

É nesta tensão do “me diga a verdade que eu quero ouvir, mesmo eu sabendo que ela é uma mentira”, que as pessoas transgêneras/transmasculinas acabam se submetendo a manutenção da patologização e do diagnóstico dos seus desejos e ainda, que

¹ Faço uso proposital do verbo *mutilar*, como contraponto aos discursos reacionários em relação a *transição médica* ou *transição*. Diversas pessoas, principalmente alguns profissionais da área da saúde, não acreditam na *transição médica* e creem que aqueles/as que dela participam, sejam *mutiladores de corpos*. Dean Spade, em *Mutilating gender* (2000) associa o verbo *mutilar*, não ao que deveria ser apenas mais um procedimento cirúrgico específico, mas à covardia com que alguns serviços e instituições das mais diversas, *mutilam* as diferentes expressões de gênero e identidades. Gosto de pensar na ideia de nós, pessoas trans, nos reapropriarmos do verbo *mutilar* e darmos a ele outro significado.

consequentemente, a equipe médica também não repensa seu próprio discurso. Como garantir um atendimento acolhedor, especializado, seguro e gratuito, se as pessoas forem contra a patologização da transexualidade?

A masculinidade hegemônica que nós (re) conhecemos e confiamos, só existe porque outras versões de masculinidades, consideradas subalternas, também existem. Uma depende da outra. Uma se sustenta por conta da outra. Um outro exemplo dessas outras versões de masculinidade, é a produzida por pessoas transmasculinas, como a dos homens trans ou das pessoas não binárias. Longe de serem imitações das masculinidades produzidas por homens cisgênero, essas masculinidades são subalternas, recebem menos créditos e parecem menos legítimas ou inexistentes.

Na maior parte dos estudos acadêmicos sobre masculinidades, há uma lacuna acerca das discussões sobre outras masculinidades, incluindo nesse rol, as transmasculinidades. Logo, invisibiliza também, demais formas de transmasculinidades, como as transmasculinidades negras. Na antologia editada por Paul Smith, *Meninos: Masculinidades na Cultura Contemporânea*, para uma série sobre Estudos Culturais, Smith sugere que a masculinidade deve ser sempre pensada no plural, como masculinidades e definidas e recortadas por diferenças e contradições de todos os tipos.

Todavia, ao longo desta obra, Smith (1996) não consegue fazer a desconstrução da masculinidade masculina e biológica com a figura poderosa do homem branco. Embora ele reconheça a força de vozes subalternas que produzem outras masculinidades, ele não as legitima, ou seja, ele continua fazendo delas algo menor.

Smith (1996) nos inquieta uma vez que, conforme ele nos aponta, a soma da masculinidade com a hombridade é que faz com que ela tenha legitimidade social, seria preciso que prestássemos mais atenção nessa masculinidade hegemônica para que pudéssemos (re) construí-la ou destruí-la. Halberstam (1998) nos aponta que é exatamente porque a masculinidade branca ofuscou e ofusca todas as outras masculinidades, que temos que afastar essa construção dos holofotes e trazer à cena todas as outras masculinidades e suas distintas construções.

Um das estudiosas brasileiras sobre as transmasculinidades, Simone Ávila, em sua obra intitulada *Transmasculinidades – A emergência de novas identidades políticas e sociais* (2014) - define as transmasculinidades como sendo identidades masculinas

produzidas por transhomens. Todavia, esta definição é pelo que se pode presenciar e ouvir no I ENAHT (Primeiro Encontro Nacional de Homens Trans), realizado na USP entre os dias 20 e 23 de fevereiro de 2015, um pouco mais complexa. Este foi o primeiro encontro nacional de homens trans, mas também contou com a presença de pessoas transmasculinas ou não binárias. Discutiu-se dentre diversos tópicos, as identidades transmasculinas. Quem eram as pessoas que se identificavam com elas? Essas identidades, como o próprio nome nos informa, são múltiplas e não são identidades masculinas produzidas apenas por homens trans. Essas identidades também são produzidas pelas pessoas não binárias que se identificam com as transmasculinidades. Diversas pessoas que se identificavam com as transmasculinidades ou com as masculinidades, ali se fizeram presentes, mas muitas dessas pessoas não se identificavam exclusivamente como homens.

Desde 2010, e principalmente após o lançamento da obra intitulada *Viagem Solitária* de João W. Nery, um homem trans ativista e escritor, podemos observar a crescente visibilidade de trans homens, *ftms*, homens, homens trans, travestis, transgêneros masculinos e pessoas não binárias que se identificam com as masculinidades no nosso país, tanto na grande e independente mídia, quanto no movimento LGBTIQ.

Em dezembro de 2014, dezessete homens trans brasileiros, sendo nós dois, Benjamin e Leonardo parte destes, participaram do IX Encontro Regional Sudeste de Travestis e Transexuais, evento organizado pelo Fórum Paulista de Travestis e Transexuais. Neste encontro foi decidido e aprovado em plenária, que a partir da data em que foi votada a decisão, a identidade política dos homens trans brasileiros seria nominada como homens trans e o movimento de pessoas trans do Encontro Regional Sudeste, concordou que este passaria a se chamar de movimento de travestis, mulheres transexuais e homens trans.

Ainda que os homens trans e as pessoas não binárias possuam demandas em comum, existem várias outras especificidades de cada um desses grupos que precisam ser tratadas de formas diferenciadas. Entre os espaços que têm pensado e discutido essas questões, encontra-se o IBRAT - Instituto Brasileiro de Transmasculinidades. O IBRAT constitui uma rede nacional de homens trans e pessoas transmasculinas ativistas que atua nos eixos da formação política, estudos e pesquisas sobre transmasculinidades e controle

social, possui atualmente diversos núcleos de ativismo espalhados pelas mais diversas regiões de nosso país e conta com inúmeros ativistas. Diversos núcleos foram criados nos últimos anos e foi determinado no I Encontro Nacional de Homens Trans, que as pessoas não binárias teriam um núcleo para elas dentro do IBRAT para discutirem e articularem suas demandas em diversos setores.

Ativistas como Alexandre Peixe, Régis Vascon, Raicarlos Coelho, Silvyo Nóbrega, dentre outros, foram os primeiros ativistas que galgaram este trabalho desde o início do movimento transmasculino no Brasil e somente mais recentemente, a luta do movimento começa a ser (re) conhecida (PEÇANHA, LIMA; 2020).

Neste contexto, segundo Ávila (2014), as transmasculinidades vêm se constituindo como “novas” identidades sociais e políticas no país. Essas identidades, ao mesmo tempo em que se apóiam nas definições patologizantes, por outro lutam pela despatologização de suas identidades de gênero. Não existe um modelo universal de transmasculinidade, seja ela do homem, do homem trans, de uma caminhoneira ou de uma pessoa não binária.

Ainda de acordo com Simone Ávila (2014), as transmasculinidades brasileiras podem ser consideradas diferentes, ainda que estejam incluídas em práticas de marginalização, subordinação e dominação. Ao produzirem uma masculinidade sem pênis, as transexualidades poderiam ser tomadas como um desestabilizador de masculinidades hegemônicas, trazendo à tona a arbitrariedade e complexidade do sexo e do gênero e questionando a certeza de sermos homens ou mulheres.

Acredito que a autora tenha deixado de fora um ponto: nem todos os homens trans produzem uma masculinidade sem pênis. Alguns homens têm orgulho e fazem bom uso de suas vaginas, inclusive fazendo uso político desta também, todavia, outros recorrem a diversas tecnologias, incluindo aí as cirúrgicas e ganham ou têm seus pênis reconstruídos, moldados e mesmo assim, esses homens podem continuar a desestabilizar o *cistema*.

Não tenho a menor intenção de provocar Ávila, mas acho importante fazer esse deslocamento, pois tenho receio de que muitos profissionais da saúde, principalmente aqueles que não trabalham em centros transexualizadores de referência, acabem por conceber uma ideia de um só tipo de anatomia de corpos transmasculinos. Alguns homens trans, por exemplo, podem ter realizado diferentes tipos de cirurgias, terem feito uso de hormônios ou não, e conhecer os diversos corpos trans e respeitá-los é fundamental, uma vez que cada corpo e cada subjetividade terá uma necessidade única.

Diversos homens trans ou pessoas transmasculinas com nenhuma, muitas ou poucas alterações corporais, já acessam ou precisarão em algum momento de suas vidas, acessar serviços de saúde públicos ou privados. É interessante refletirmos sobre de que maneira essas masculinidades sem pênis, esses corpos “não conformes” são ou serão assistidos. As pessoas trans que já participam de programas transexualizadores, por exemplo, têm possivelmente menos chances de sofrerem estranhamentos, pois se pressupõe que os profissionais de saúde que nestes locais trabalham, já estejam familiarizados com essas diferentes produções corporais.

Todavia, acredito que ainda atualmente muitos homens trans e muitas pessoas transmasculinas deixam de acessar serviços de saúde, justamente pelo medo que têm de sofrerem constrangimentos dos mais diversos. No I ENAHT um tema também bastante discutido foi o acesso e o cuidado em saúde e principalmente, a dificuldade que alguns homens trans e algumas pessoas não binárias têm de irem ao ginecologista, por exemplo. Muitos homens trans relataram que esses profissionais não estão preparados para lidar com a diversidade sexual e nem de gênero.

Alguns homens trans apontaram o fato de que eles não precisam somente de preventivos, mas que tendo em vista que alguns deles desejam ter filhos biológicos, também precisam de um acompanhamento específico para tal. Uma das muitas consequências dessa falta de preparo de algumas especialidades médicas com relação a essa diversidade acima mencionada é a fuga, o não comparecimento dessas pessoas e seu consequente adoecimento. Muitos homens trans desenvolvem simples infecções urinárias e acabam, por vezes, se automedicando e/ou comprando remédios na ilegalidade. A saúde dessas pessoas é exposta e comprometida duas vezes: a primeira quando lhes são negados atendimentos e a segunda quando elas tentam se cuidar sozinhas (FEINBERG, 2003).

Especificando o contexto do Estado do Rio de Janeiro

Um dos primeiros homens trans no Rio de Janeiro, a acessar o Hospital Pedro Ernesto, foi o Professor Guilherme Almeida. Ele é um dos homens trans mais conhecidos do Estado do Rio de Janeiro por ser considerado o primeiro a ocupar um cargo de professor numa universidade pública no Brasil, em 2011, na ESS/UERJ², e abriu diversas

² Escola de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

portas tanto no meio acadêmico, como também em diversos espaços discutindo sobre saúde trans (CARVALHO, 2018).

Pesquisador e professor, ele faz parte da segunda geração de homens trans, que possuem hoje entre 45 e 55 anos de idade, na qual se teve um pouco mais de informação em relação à geração anterior, que é considerada a primeira geração de homens trans no Brasil. Nesta primeira geração, identifica João W. Nery e demais homens que viviam na invisibilidade, talvez por conta do momento de regime militar no país daquela época (ALMEIDA, 2018).

Em 2009, João W. Nery lança o seu segundo livro, intitulado “Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois” e isso fez com que muitos homens trans se identificassem e partir deste momento a identidade de homem trans começou a ser conhecida socialmente. Nery, morador de Niterói, município do estado do RJ, participou ativamente de diversos congressos, seminários, encontros, rodas de conversa. Publicou artigos científicos e capítulos de livros e levou visibilidade para a identidade de homens trans no Brasil.

O Grupo TransRevolução, que foi um espaço de convivência, encontro e reuniões para pessoas trans do Grupo Pela Vidda/RJ³, tinha reuniões mensais e em meados de 2012 começou a receber homens trans em suas reuniões. Este fato, seria devido ao lançamento do livro de João Nery neste Grupo, e que após este encontro, passou a receber homens trans. Aquele espaço passou a ser um encontro de socialização de pessoas trans incluindo homens trans.

Alguns eventos acadêmicos e do movimento social ficaram marcados pela participação de homens trans cariocas no RJ e fora. Em 2012, no lançamento da primeira instituição nacional organizada por homens trans no Brasil, a Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) estiveram presentes Guilherme Almeida e João Nery. A ABHT teve fim em meados de 2014. No ano de 2013, a TRANSsemana⁷, realizada na Faculdade Nacional de Direito da UFRJ em setembro (2 homens trans) e a II TRANSEmana em novembro do ano de 2014 em IFCS/UFRJ (6 homens trans). UERJ e FND/UFRJ. Ainda em 2013, aconteceu o XX ENTLAIDS - Encontro Nacional de Travestis e Transexuais

³ ONG que trabalha pelos direitos humanos de pessoas vivendo com HIV e AIDS, saúde, qualidade de vida e diversidade.

que atuam na Luta contra a AIDS final de setembro na cidade de Curitiba – PR (01 homem trans). Onde também ocorreu o lançamento político do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades – IBRAT, que continua ativo. Todos estes eventos contaram com participações de homens trans cariocas.

O ano de 2014 ficou marcado pelo Ocupa HUPE onde estiveram presentes nove homens trans para pedir respostas sobre não funcionamento do programa em relação a novas pessoas que gostariam de ser atendidas e entrar no programa, além sobre a transparência da fila de cirurgias. Este evento teve repercussão em toda a UERJ e no Hospital, fazendo com que a assessoria de imprensa do Pedro Ernesto nos recebesse juntamente com o coordenador do Processo Transsexualizador do Hupe. Após este encontro algumas providências foram tomadas, como por exemplo: a fila para as cirurgias que estava parada, andou; certas burocracias puderam ser resolvidas, como acesso de homens trans à ginecologia etc. Todavia, novas pessoas usuárias continuaram sem poder entrar no programa. Este encontra-se fechado desde o início de 2012 (NEVES, 2015).

Durante o ano de 2015, no mês de fevereiro, aconteceu o Encontro Nacional de Homens Trans – ENAHT, na Universidade de São Paulo. Uma caravana de homens trans e pessoas transmasculinas saiu do RJ. Não sabemos o número exato, mas no mínimo quinze homens trans e pessoas transmasculinas que na época residiam no RJ estiveram presentes. Foi um evento importante onde questões específicas foram discutidas, como: nome político, demandas em saúde, interseccionalidade, sexualidade, invisibilização transmasculina, debate histórico e de memória dos homens trans brasileiros que deram início a luta por direitos transmasculinos no Brasil etc. No dia 20 de fevereiro de 2015, é comemorado dia de visibilidade, luta e resistência de homens trans e transmasculinos no Brasil, por ter sido o primeiro dia do ENAHT.

Em meados de 2014, e no ano de 2015 especificamente, o debate sobre transmasculinidades negras ficou mais evidente. Na narrativa política de Leonardo Peçanha em falas públicas onde ele trouxe a dicotomia objeto ameaça, apontado como o racismo e a transfobia estrutural atinge corpos transmasculinos negros (PEÇANHA, 2021). O mesmo colaborou para debate sobre atletas trans participando de eventos sobre

a temática se tornando um divulgador do tema, visibilizando uma epistemologia trans, fugindo a lógica cissexista⁴ naturalizada na mídia e redes sociais⁵.

Ainda no final de 2015, aconteceu a etapa estadual da Conferência Estadual LGBT do Rio de Janeiro, estiveram presentes como delegados 4 homens trans e três por votação foram escolhidos para ir a nacional. Na votação entre os homens do município do Rio de Janeiro dois homens trans foram um dos mais votados, ficando um em primeiro e outro em terceiro. Numa votação com a maioria de homens cisgêneros, foi um marco simbólico. Na Conferência Nacional de Direitos Humanos LGBT, em Brasília 2016 estiveram presentes mais de 30 homens trans de todo o Brasil e quatro do estado do Rio de Janeiro, um representando o poder público e três a sociedade civil.

Segundo Almeida (2018), existem quatro gerações de homens trans no Brasil, a terceira a qual fazemos parte são de homens trans entre 30 e 45 anos que começaram a problematizar questões interseccionais, classe, raça, sexualidade e fizeram uso da internet em grupos como o extinto, Orkut – Grupo Disforia de Gênero (onde muitas pessoas trans conversavam, entre elas homens trans cariocas) e depois o Grupo FTM Brasil no Facebook, com homens trans de todo o Brasil. Posteriormente foi criado o grupo secreto Homens Trans RJ, e alguns outros, onde eram debatidos temas, marcava-se reuniões sociais e políticas. Esta geração teve acesso primeiro ao processo transexualizador pelo HUPE e depois nos Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia (Iede) e o Ambulatório da Saúde da População Trans de Niterói que funciona na Policlínica de Especialidades Sylvio Picanço (está com o nome previsto pra ser Ambulatório Trans João W. Nery) os dois últimos são ambulatórios na cidade do Rio de Janeiro e o último na cidade de Niterói onde João morava. Além de clínicas no particular em planos de saúdes.

Quarta geração, é a atual, são jovens até 30 anos que usam bastante as redes sociais, como Facebook, YouTube, Instagram, Twitter e Whatsapp para comunicação e socialização. Existem os que se identificam enquanto não binários ou transmasculinos (ALMEIDA, 2018).

⁴ Ideia de lógica binária que tem como padrão hegemônico a cisgeneridade, invisibilizando e reduzindo as experiências trans. Para saber mais: <https://transfeminismo.com/o-que-e-cissexismo/>

⁵ Uma das entrevistas sobre trans no esporte que Leonardo Peçanha deu: <https://observatorioracialfutebol.com.br/homens-trans-sofrem-transfobia-diferente-das-mulheres-trans-no-esporte-afirma-leonardo-pecanha/>

Após a morte de João Nery em outubro de 2018, alguns homens trans das duas últimas gerações, são eles: idealizador Patrick e como membros fundadores: Leonardo Peçanha, Jordhan Lessa, Patrick Lima, Gab Van - se reuniram e criaram a Liga Transmasculina Carioca João W. Nery (LIGA). Esse é o primeiro coletivo após sua partida, ilustrando como seu ativismo deixou um legado que continuará através de outros homens trans e transmasculinos. A LIGA fez um evento em fevereiro de 2019 para comemorar o dia de Luta e Resistência de Homens Trans e Transmasculinos no Brasil. Teve dois painéis com debates sobre questões transmasculinas. Tiveram homenagem a Sheila Salewisk, viúva de Nery, e seu filho. Este evento marcou a nova organização política das transmasculinidades no Rio de Janeiro.

Em uma de suas primeiras atuações no contexto de pandemia a LIGA, fez trabalho de distribuir cestas básicas para população transmasculinas no RJ com apoio do Grupo Arco Íris e o Instituto Transformar Shelida Ayana. Além de lives e socializações online com reuniões e diálogos entre homens trans e transmasculinos sobre temas específicos.

Os homens trans ainda estão se organizando e incidindo politicamente e dialogando sobre políticas públicas e sociais que visem o cuidado específico e de sua inserção na sociedade. Foram anos ao lado do movimento das travestis e mulheres transexuais, que apoiaram os homens trans, mas que desde sempre incentivaram a autonomia e protagonismo das transmasculinidades.

Geração apresentada abaixo baseada no artigo Almeida, (2018).

Alguns homens trans cariocas:

Primeira geração:

João W. Nery – Psicólogo, escritor, professor e ativista brasileiro. Foi o primeiro homem trans a realizar cirurgia de redesignação sexual no Brasil, em 1977, e foi ativista pelos direitos humanos. Referência entre os homens trans no Brasil, ajudou muitas pessoas com o livro *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. Enquanto escritor escreveu *Vidas Trans*, *Velhice Transviada* (livro póstumo) e diversos artigos e participações em congressos e seminários pelo Brasil. Ganhou título de Doutor *Honoris Causa* pela UFMT, ficou sabendo que receberia o título pouco antes de falecer em 2018.

Segunda Geração:

Guilherme Almeida - Assistente Social. Professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ). Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ).

Pesquisador referência em temas como diversidade sexual e de gênero, política de saúde e relações de trabalho.

Terceira geração:

Leonardo Peçanha: Doutorando em Saúde Coletiva (IFF/FIOCRUZ). Mestre em Ciências da Atividade Física (UNIVERSO). Especialista em Gênero e Sexualidade (IMS/UERJ). Graduação em Licenciatura e Bacharel em Educação Física (UNISUAM), pesquisador e ativista transfeminista negro das transmasculinidades. Esteve presente em eventos estaduais e nacionais desde 2012, como TRANSEmana, conferências estaduais e a nacional LGBTI+, ENAHT, Ocupa Hupe, congressos e seminários, etc. Participou da campanha nacional do Ministério da Saúde sobre Saúde da População Trans (2015). Atua no movimento nacional de transmasculinos, participou de instituições e coletivos como Grupo TransRevolução e IBRAT. Hoje é membro do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros – FONATRANS, da Liga Transmasculina Carioca João W. Coordenador nos projetos Feminismo Negro no Esporte e Luto do Homem. Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura (ABEH). Foi um dos primeiros homens trans no Brasil a contribuir no debate sobre transmasculinidades negras ao criar o site Negros Blogueiros (2015). É um dos organizadores do livro Transmasculinidades Negras – Narrativas Plurais em Primeira Pessoa, primeiro com essa temática no Brasil. Tem experiência na área sociocultural da Educação Física com os temas: gênero, sexualidade e violência. Atuando principalmente com estudos trans com: transmasculinidades negras, saúde transmasculina e pessoas trans nos esportes.

Benjamim Braga: Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui graduação em Letras (Inglês/Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ativista transfeminista das transmasculinidades, pesquisador dos temas gênero, sexualidade e saúde transmasculina. Esteve presente em eventos estaduais e nacionais desde meados de 2013, como TRANSEmana, Ocupa Hupe, ENHAT e demais eventos acadêmicos. Participou da Campanha Estadual sobre Visibilidade Trans no RJ. Hoje é atual Vice-coordenador nacional do IBRAT.

Patrick Lima: Jornalista, militante e ativista. Foi coordenador Estadual do IBRAT. Foi membro dos coletivos Prepara Nem e FONATRANS. Participou do Ocupa Hupe, XXI ENTLAIDS, ENHT. Figura Pública, participou do documentário da GNT - Liberdade de Gênero e do projeto Livres & Iguais da ONU sobre cards com pessoas trans. Colunista do site Negros Blogueiros.

Jordhan Lessa - Guarda Municipal, escritor, palestrante, empreendedor digital, Coach de Desenvolvimento Humano, graduando de serviço social e ativista de direitos humanos. Atuou na equipe de Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual - CEDS como assessor de Saúde e segurança especificamente para homens trans. Hoje atua na SubSecretaria de Direitos Humanos trazendo as demandas de homens trans.

Quarta geração:

John Mesquita: Bacharel em Direito- UCAM, Pos- graduando em Direito Penal. Social mídia, palestrante. Membro da REDETRANS e atua no movimento nacional de homens trans.

Amiel Vieira Modesto – Sociólogo, intersexo e transmasculino. Co-fundador da Associação Brasileira de Intersexo (ABRAI), Fundador do Observatório Intersexo e coordenador de políticas intersexo do IBRAT.

Gab Van - Negro, Homem Trans, Ativista de direitos LGBTI+ e negro, consultor de políticas públicas, projetos sociais e treinamentos, Presidente da Liga Transmasculina João W Nery, idealizador do Transzen. Graduando em Ciências Contábeis.

Vic Guimarães – Transmasculine não-binária, branque, endossexual e pessoa sem deficiência. Escritore, poeta, psicóloga, pesquisadore e ativista pelos direitos humanos de pessoas trans, travestis e gênero-diversas. Atua junto à Liga Transmasculina Carioca João W. Nery, ao Fórum de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro, à Articulação Brasileira Não-Binária (ABRANB) e à Articulação Nacional de Psicólogas/os/es Trans (ANPTrans). É co-fundadore do Projeto TRANSzen de Saúde Mental e co-organizadore do Coletivo Artístico Poético Nacional TransPoetas. Tece pesquisas interseccionais entre questões étnico-raciais, colonialidade, branquitude, gênero-diversidade, saúde pública, arte e território.

Rafael Gomes da Silva - Transmasculino, 25 anos, coordenador do IBRAT Rio, agente de projetos sociais, graduando de psicologia e membro do projeto gênero em foco.

Referências:

ALMEIDA, G.S. **O João que conheci. Homenagem de vida.** Vol. 01, N. 04, Out. - Dez., 2018 · www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh;

ÁVILA, S. **Transmasculinidades – A emergência de novas identidades políticas e sociais.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2014;

CARVALHO, Raquel Alves dos Reis de. **Corpo de luta: emergência pública de transmasculinidade e organização política de homens trans na cena brasileira em princípios dos anos 2000.** 2018. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

NEVES, B. **Transmasculinidades e o cuidado em saúde: desafios e impasses por vidas não fascistas.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Clínica Médica. Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015;

FEINBERG, L. **Stone Butch Blues.** Los Angeles: Alyson Books, 2003;

HALBERSTAM, J. **Female Masculinity.** Durham and London: Duke, 1998;

JEFFREYS, S. **Unpacking Queer Politics.** Cambridge: Polity, 2003;

PEÇANHA, L.; LIMA, P. **Guinadas Narrativas | História do movimento transmasculino no Brasil.** Sesc 24 de Maio. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MwcmIw_ymPo Acesso em: 08 de setembro de

2020.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ensaio sobre transmasculinidades negras: Desafios e inquietações. In: SANTANA, Bruno; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves (Orgs). **TRANSMASCULINIDADES NEGRAS – Narrativas Plurais em Primeira Pessoa**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial. 2021, pag.133-140.

SMITH, P. *Boys: Masculinities in Contemporary Culture*. Harpercollins, 1996.